

| 47 | A HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO E SUAS
FERRAMENTAS: CRONOLOGIAS, ANTOLOGIAS, VOCABULÁRIOS
E EXPERIÊNCIAS INTERATIVAS

Margareth Aparecida Campos da Silva Pereira

As ciências humanas e sociais têm renovado suas práticas nas últimas décadas em relação ao seu vocabulário, aos seus objetos de estudo, às categorias e ferramentas que constrói ou, ainda, seu diálogo com outros campos disciplinares e com as novas tecnologias. Essas mudanças têm desenhado novas formas de abordagem que por sua vez se traduzem vários deslocamentos na historiografia do urbanismo, engendrando outras formas de pensar a cidade ou sua história.

A sessão discutirá algumas formas de narrativa, de gênero literário, de instrumentos contemporâneos de captura e reflexão das experiências citadinas e urbanas avaliando, particularmente, os usos que certas ferramentas propiciam para as próprias interpretações da história das cidades e do urbanismo.

Serão examinadas as condições de gênese, circulação e recepção de ferramentas consideradas “clássicas” em suas possibilidades de exploração contemporâneas como as linhas de tempo, as biografias, as antologias, as cartografias e os dicionários bem como as novas possibilidades oferecidas pelos meios digitais e as interfaces interativas nas próprias representações sobre a cidade.

Contudo, espera-se poder mostrar como cada uma das ferramentas a ser apresentada e discutida está estreitamente ligada a outra na busca da consolidação de um solo de conhecimentos compartilhados e no esforço de verificação do alcance teórico de certas abordagens.

No campo internacional a iniciativa de reunir conjuntos de textos capazes de mostrar a diversidade dos debates que atravessaram o pensamento sobre as cidades e o território passou a ocupar sistematicamente os pesquisadores há pelo menos umas três ou quatro décadas e foi se impondo como gênero editorial em paralelo ao próprio movimento de configuração e expansão dos estudos urbanos em geral, e dos estudos sobre a história das cidades e dos saberes urbanos em particular.

O gênero antologia passou, assim, a desempenhar um papel central no insumo da crítica e da renovação intelectual criando um solo de leituras e discussões comuns, ou em outras palavras de um “campo disciplinar” mais ou menos balizado em termos teóricos e temáticos. Entretanto, aos autores “clássicos” indexados nas primeiras antologias internacionais, as sucessivas pesquisas vieram somar um novo volume de autores esquecidos e ignorados em diferentes países, alertando no caso do Brasil para a grande falta de sistematização no que diz respeito aos reformadores sociais e urbanos brasileiros. Estes não só não constam nas antologias internacionais como sequer são estudados nas escolas de arquitetura e urbanismo brasileiras.

De certo modo as antologias favoreceram a sistematização de dados em diferentes períodos históricos e com ela uma outra ferramenta, durante muito tempo utilizada como mero recurso metodológico tem se multiplicado em exposições, livros, congressos: as linhas do tempo. Mas o que significa indexar ano após ano movimentos, correntes artísticas, publicações, realizações? Como compreender e analisar os “fatos” que se elencam? O que se percebe quando as linhas de tempo passam a ser construídas e lidas de modo transnacional? Quais são as reiteraões e recorrências ou singularidades nacionais e como proceder aos recortes e periodizações?

É certo que em muitos casos as linhas de tempo acabam sendo pensadas de forma evolutiva – e talvez não seja por acaso, que ainda hoje os livros de “evolução” urbana se multiplicam carecendo de uma crítica das nomenclaturas que adotam em uma indistinção tão grave quanto aquela que confunde a própria fonte e ferramenta com a possibilidade de interpretação. A pergunta que cabe é como os modos de temporalização vêm sendo estudados? E o que permitem pensar quanto ao pensamento urbanístico ele próprio? Quais as características comuns que se observa de uma cidade a outra, de um país a outro, de um território a outro, passíveis de definir o urbanismo como um campo disciplinar, uma área de convergência de saberes ou como uma prática?

Um outro núcleo de iniciativas que espera-se poder discutir e que vem marcando os estudos urbanos é aquele formado por trabalhos que elegem a história do vocabulário citadino – e a história dos termos, noções, conceitos – como objeto de estudo. De fato, as palavras da cidade, do vocabulário administrativo ou os próprios termos historicamente utilizados para construir as interpretações sobre a história das cidades ganharam grande visibilidade nas duas últimas décadas, talvez até mesmo como resultado das comparações – e traduções – realizadas no trabalho de construções de antologias e cronologias.

Este esforço de elucidação da historicidade de linguagens e de significados traz insumos para se pensar a história das cidades no Brasil e na América Latina? Pode a circulação das palavras auxiliar na periodização de processos comuns a diferentes países? Atores e autores exibem sincronias em suas ações e nos usos que fazem das palavras? A recepção e fixação de um determinado significado para um termo em detrimento de outro em uma cidade, ou em um país, pode ter um caráter indiciário do choque ou diálogo entre culturas técnicas, administrativas, artísticas, políticas?

E o que dizer das imagens, isto é das formas de representações iconográficas contemporâneas e de seus discursos? O foco nas imagens de cidades cresceu, também ele, nas últimas duas ou três décadas em paralelo com a gênese das novas mídias digitais.

De fato, ao serem apresentadas como um conjunto de ferramentas revolucionárias na forma de apreensão tanto da cidade contemporânea quanto em sua capacidade de dar visibilidade a processos históricos ou à sedimentação de experiências, elas convocaram, por oposição, a comparação com outras modalidades de representação iconográfica das cidades.

O modo de “formalização do visível” e o estatuto das imagens relativa às cidades – os panoramas, a fotografia, as imagens em movimento, os processos imersivos e interativos permitidos pelos novos meios e pela web, – e as formas de montagem, colagem, assemblage, as cartografias, os atlas, as miniaturas urbanas ao lado de outros recursos visuais, tornaram-se, como no caso das palavras, um centro de interesse intelectual forte.

Como a história escrita se relaciona com a história visual das cidades? Quais as cronologias que balizaram estas duas formas de discursos? Quais os paralelos – temporais ou teóricos – que podem ser traçados entre estes dois gêneros em seus modos específicos de construção? Quais as contaminações ou rebaixamentos que um acabou impondo ao outro? Quais as potencialidades oferecidas pelas mídias interativas hoje?

Em resumo, espera-se discutir nesta sessão, além de algumas destas questões as próprias formas de abordagem adotadas pelos expositores em seus trabalhos. Buscar-se-á enfocar tanto o regime de visibilidades dado aos atores sociais na produção recente, as configurações e modos de temporalização criticados ou propostos, o estatuto das histórias comparadas de cidades, os deslocamentos de sentido de conceitos e sua historicidade, levando em conta a cidade em sua resistência e permanência como forma física e política que se busca apreender mas também, naquilo que guarda de efêmero, imaterial, transitório ou que ainda é inominado.

Palavras-chave: Hsitoriografia, urbanismo, Brasil

DIFICULDADES, POTENCIALIDADES E INTERROGAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UMA ANTOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO NO BRASIL.

Margareth da Silva Pereira

Resumo

Os estudos de natureza “histórica” sobre as cidades e o interesse sobre as “culturas profissionais ou disciplinares” marcou e vem marcando a produção historiográfica de diversos países e foram eles os motores do crescimento da própria área de estudos urbanos e culturais. O foco sobre o passado e os estudos históricos, inclusive no Brasil, se impuseram entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1990, deslocando o interesse pelos trabalhos do tempo presente, tão expressivos nas décadas de 1960-70, desenvolvidos por geógrafos e sociólogos.

Nesse duplo processo de tematização da história das cidades e das culturas disciplinares, desde finais dos anos 1960 o gênero Antologia começou também a ser um tipo de livro presente nas prateleiras dedicadas à arquitetura e urbanismo nas livrarias. A análise do próprio comportamento do campo historiográfico e crítico contemporâneo mostra que hoje vêm circulando, mais de uma vintena de antologias, das quais examinamos metodicamente o perfil e identificamos os textos selecionados em 17 delas. Como interpretar a ampla circulação e recepção desse gênero literário? Qual a sua relação com as biografias intelectuais? Quais os problemas de nomenclatura e de organização que a elaboração de uma antologia do pensamento urbanístico coloca no caso brasileiro?

Palavras-chave: nebulosas, urbanismo, história, reforma, Brasil

CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO

Paola Berenstein Jacques, Thais Portela, Jurema Moreira Cavalcanti

Resumo

A Cronologia do Pensamento Urbanístico é um instrumento de sistematização e divulgação de informações sobre o campo profissional e disciplinar. Seu objetivo geral é contribuir para uma melhor compreensão da circulação das idéias urbanísticas, tanto no âmbito nacional quanto internacional. A Cronologia pretende mapear as redes complexas que construíram e constroem o pensamento urbanístico. Do ponto de vista teórico-metodológico a Cronologia do Pensamento Urbanístico busca auxiliar o trabalho de revisão historiográfica do campo do urbanismo no Brasil, a ambição mais relevante da Cronologia não é desenvolver uma linha do tempo propriamente dita, muito menos uma história linear do pensamento urbanístico mas, chamar a atenção, para a circulação sistêmica, transgeográfica - e muitas vezes sincrônica - de dados entre determinados círculos urbanísticos, formando redes de intercâmbio intelectual, acadêmico, científico e artístico que atuam de maneira complexa. Pretende-se permitir visualizar o “pensamento em rede” sobre o urbanismo. Procuramos mostrar as discontinuidades, as contradições e ambivalências dos discursos (e projetos). Buscamos exercitar uma teoria da história que não foge dos afrontamentos e rupturas. Buscamos apontar as heterogeneidades, emergências e acidentes nas diferentes

possibilidades de leituras dos dados, ou seja, não buscamos verdades, origens ou identidades perdidas, assim como não procuramos pacificar a história das idéias urbanísticas. Nosso objetivo é contribuir para uma melhor compreensão da historicidade dos debates sobre as cidades e da complexidade da circulação das idéias urbanísticas, o que pode permitir uma melhor problematização tanto do presente do campo disciplinar quanto das cidades, ajudando a construir suas possibilidades futuras.

Palavras-chave: nebulosas, urbanismo, história, cronologia

FALAR A CIDADE LATINO AMERICANA

Hélène Rivère d'Arc

Resumo

Algumas palavras são portadoras de atos fundadores das cidades. Seria o caso da palavra “colônia” quando falada no México, por exemplo, mas que em outros países de língua espanhola não possui o mesmo sentido. A hipótese que desenvolvemos é a de que os procedimentos que presidem os atos fundadores sublinham culturas diferentes, forjadas pelas histórias das relações com o poder e, desse modo, com a governança urbana e que contribuem inclusive para a fixação de um significado associado a cada termo. Entretanto, as diferenças culturais que se constataam nos usos das palavras não são suficientemente estruturantes para impedir a circulação de um “modelo” de cidade latino-americana. Colocar em uma perspectiva cronológica os eventos fundadores de espaços urbanos na América Latina, graças à observação - e ajuda - das palavras é a pretensão da comunicação a ser apresentada.

Palavras-chave: palavras, cidade, história, América Latina

IMAGENS, SONS, MOVIMENTO E INTERATIVIDADE: NOVOS MEIOS DE PENSAR E FALAR DA CIDADE E DE SUA HISTÓRIA

Aline Couri

Resumo

Tornar visível, tornar tátil, compartilhar e relacionar, são possibilidades do emprego das novas mídias em relação às cidades e sua história. Experiências de estudo ou de aproximação das cidades tornam evidentes cada uma dessas ações. Tornar visível implica basicamente criar imagens, que podem tanto ressaltar, pelo recorte, aspectos já visíveis, quanto ilustrar outros aspectos que nos são invisíveis a “olho nu”. Tornar tátil, talvez pela própria característica - virtual - das novas mídias, sublinha necessariamente a implicação de um corpo que seleciona, define, e apresenta a própria imagem digital. Compartilhar é ainda outra direção essencial, que parece se exacerbar ao possibilitar explicitamente co-autorias, escritas coletivas, mapas colaborativos e “aproximações a distancia”. Por fim, relacionar não é menos importante, já que sem a definição de categorias de análise e palavras-chave, ou seja, sem a produção de um sentido inicial para cada uma dessas informações criadas, a própria

apropriação dessas informações se dilui: a construção de sentidos não acompanha a rápida e incessante produção de imagens sobre a cidade e sua história. Enfim, talvez com as novas mídias o urbanismo possa ser entendido claramente como uma prática exercida num “campo ampliado”, incorporando ações que constroem também imaterialmente o espaço presente e futuro.

Palavras-chave: novas mídias, cidade, história